

— O NOVO —
HUMANISMO

Paradigmas civilizatórios para o século XXI
a partir do papa Francisco

O NOVO HUMANISMO

paradigmas civilizatórios para o século XXI
a partir do papa Francisco



Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães



Robson Sávio Reis Souza



Claudemir Francisco Alves



Adriana Maria Brandão Penzim

Organização

CADERNOS TEMÁTICOS DO NESP – Número 11

O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco

NÚCLEO DE ESTUDOS SOCIOPOLÍTICOS (NESP)

Grupo Gestor

Representantes da PUC Minas:

Adriana Maria Brandão Penzim (até julho de 2021)

Claudemir Francisco Alves

Rachel de Castro Almeida (desde agosto de 2021)

Robson Sávio Reis Souza (coordenador)

Secretaria

Carmen Lúcia de Araújo Vieira

COMITÊ EDITORIAL DESTA PUBLICAÇÃO:

Adriana Maria Brandão Penzim

Claudemir Francisco Alves

Robson Sávio Reis Souza

Representantes da Arquidiocese

de Belo Horizonte:

Frederico Santana Rick

José Zanetti Gonçalves

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

PAULUS EDITORA

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas, ssp*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Coordenação de arte: *Danilo Alves de Lima*

Produção editorial: *AGWM Produções Editoriais*

Capa: *Elisa Zuigeber*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco / organizado por Joaquim Giovanni Mol Guimarães...[et al.] – São Paulo: Paulus, 2022.

640 p.

ISBN 978-65-5562-482-3

1. Humanismo 2. Teologia social 3. Sociologia cristã

I. Guimarães, Joaquim Giovanni Mol

22-0855

CDD 144

CDU 165.742

Índice para catálogo sistemático:

1. Humanismo



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações

sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televidas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-482-3

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CDI	Comissão de Direito Internacional das Nações Unidas
CRJ	Centro de Referência da Juventude (Secretaria Municipal de Assistência Social de Belo Horizonte)
CV	Carta encíclica <i>Caritas in veritate</i>
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii gaudium</i>
FT	Carta encíclica <i>Fratelli tutti</i>
Funarte	Fundação Nacional de Artes
GS	Constituição pastoral <i>Gaudium et spes</i>
IA	Inteligência artificial
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LE	Carta encíclica <i>Laborem exercens</i>
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, <i>queer</i> , intersexo, assexual e outras possibilidades de orientação sexual e de identidade de gênero
LG	Constituição dogmática sobre a Igreja <i>Lumen gentium</i>
LS	Carta encíclica <i>Laudato si'</i>
ONG	Organização não governamental
PIB	Produto Interno Bruto
PJe	Processo Judicial Eletrônico
PP	Carta encíclica <i>Populorum progressio</i>
SC	Constituição sobre a sagrada liturgia <i>Sacrosanctum concilium</i>
UE	União Europeia
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Sumário

Apresentação	9
Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães e Claudemir Francisco Alves	

PARTE I

O PONTIFICADO DE FRANCISCO E A EMERGÊNCIA DE UM NOVO HUMANISMO	33
A aurora de um novo humanismo: ideias e ações do papa Francisco	
Robson Sávio Reis Souza	35
Habitar humanamente na esperança	73
Elton Vitoriano Ribeiro	
Disrupturas na educação para a formação de um humanismo nascente	103
Geraldo Luiz De Mori	
A modernidade trágica	137
Carlos Roberto Drawin	
Eco-humanismo e anticapitalismo	165
Maurício Abdalla	

PARTE II

TEMPOS DE MUDANÇAS, MUDANÇAS DE TEMPOS	203
A organização da vida na modernidade estendida: cotidiano e algoritmização	205
Márcia Stengel e Simone Pereira da Costa Dourado	
Por um humanismo digital integral	233
Moisés Sbardelotto	
Trabalho: chave da questão social, fator essencial de humanização	275
Élio Gasda	
Novo normal ou velha exploração: e aí?	307
Cezar Britto	

PARTE III

O NOVO HUMANISMO NO HORIZONTE DA ESPERANÇA	335
O novo humanismo segundo o papa Francisco	337
Manfredo Araújo de Oliveira	
Antropocentrismo? Transumanismo? “Os últimos homens”?	381
José Ignacio Gonzáles Faus	
Bem viver: esperança, resistência, profecia	419
Francisco de Aquino Júnior	
Os sete pecados capitais à luz da psicanálise	439
William Cesar Castilho Pereira e Domingos Barroso da Costa	
Francisco de Assis e Simone Weil: humanismo cristão e mística da pobreza	475
Maria Clara Lucchetti Bingemer	

PARTE IV

DESAFIOS ATUAIS PARA UM NOVO HUMANISMO EM AÇÃO	509
O pilar ausente da paz: cuidado ambiental, direitos e responsabilidade	511
Fiona Macaulay	
Indivíduo, liberdade e modernidade política	539
João Carlos Lino Gomes	
Humanismo integral: construindo um mundo plural	561
José Luiz Quadros de Magalhães	
Centro e periferia: refletindo sobre seus significados no contexto das grandes cidades	577
Luciana Teixeira de Andrade e Juliana Gonzaga Jayme	
Pensar a migração <i>outramente</i> : o (pós)humanismo entre a ética do estrangeiro e a política da hospitalidade	605
Nilo Ribeiro Junior	
Sobre os autores	635



Apresentação

Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães
Claudemir Francisco Alves

O Núcleo de Estudos Sociopolíticos (Nesp), da PUC Minas e da Arquidiocese de Belo Horizonte, apresenta o décimo primeiro título da série *Cadernos Temáticos do Nesp*, agora publicado pela Paulus Editora. No momento em que este livro vem a público, parece inevitável constatar que, de forma como há muito não se via, o mundo ocidental estremece sob uma crise em suas próprias bases: uma pandemia avassaladora põe em xeque a crença temerária na onipotência da técnica; paira uma ameaça global de colapso do meio ambiente afligido por séculos de exploração incontida; ao mesmo tempo, assiste-se ao assédio ideológico contra as instituições e os princípios que dão sustentação à frágil democracia liberal que não conseguiu prover proteção universal aos direitos individuais.

Nesse momento, diante de cada um desses problemas – e quantos outros poderiam ser aqui mencionados? – muitos insurgem com discursos destrutivos, cheios de ódio, de negacionismo, de autoritarismo. Propõem como solução o aumento de força, em vez da deposição das armas em favor do diálogo. Alegam resolver conflitos, enquanto alimentam o fogo da destruição e da guerra de todos contra todos.

É em meio às ruínas deixadas para trás por esse tipo de discurso, que desagrega a sociedade, em vez de fortalecê-la em seus laços, que se tem elevado a voz do papa Francisco. Ouve-se essa voz quase solitária no cenário político internacional, anunciando que este que aqui está não é o único mundo possível. Ao contrário do discurso dominante, Francisco entende que concessão, transigência e tolerância recíprocas são os ingredientes fundamentais que permitem trocar a violência pela possibilidade de uma vida em paz.

É verdade que, no início, essa voz suave mais parecia um murmúrio, comparada ao ruído ensurdecedor da destruição. Tem, contudo, ganhado volume na mesma proporção em que os problemas se agigantam e em que as demais respostas atualmente disponíveis contribuem para aprofundar o abismo. Curiosamente, as ideias de Francisco não constituem uma novidade histórica absoluta. Pelo contrário, resgatam valores cultivados há séculos, a maioria deles já presentes na doutrina social da Igreja católica. Uma leitura atenta dos Evangelhos mostra que os princípios evocados pelo papa estão, de alguma forma, alicerçados na mensagem fundante do próprio cristianismo. Nada disso, porém, os torna menos inéditos.

Este livro nasce da esperança. Supomos existir no modo de vida defendido pelo papa Francisco um amplo código de valores existenciais, em cuja esteira poder-se-iam constituir novos paradigmas civilizatórios à altura dos desafios enfrentados na

aurora deste terceiro milênio. Imaginamos os ensinamentos atualizados por Francisco como um leve murmúrio que pode ser apenas pressentido. Em meio ao enorme rugido da máquina destrutiva hoje em movimento, é talvez um singelo solo de clarineta, tomando aqui de empréstimo a imagem sugerida, em outro contexto, pelo escritor Erico Verissimo.

Ousamos supor que um novo humanismo é necessário e possível; que bases importantes desse humanismo estão sendo iluminadas pelo papa Francisco; que vivemos, portanto, uma histórica oportunidade de fazer uma revisão da rota percorrida, nos últimos séculos, no Ocidente. Ousamos com Francisco ter a esperança de que a morte ainda não tenha tido a palavra final: é possível restaurar nossa casa comum; estabelecer relações mais igualitárias e equitativas; estender a todos, mulheres e homens em sua diversidade, o respeito ao Estado de direitos.

Não há espaço para autoengano: existem inúmeras razões para desistir e desesperar. A reação dos minoritários segmentos que ganham muito com o atual estado das coisas é severa. O reacionarismo está intrincado até em partes da própria Igreja católica. Não há horizonte de soluções fáceis.

Com efeito, é precisamente no início deste século que o modo de produção capitalista e as formas, a ele correlatas, de organização da vida dão sinais de haverem chegado ao apogeu. Pela primeira vez na história, a organização produtiva parece haver tornado prescindível o próprio ser humano, substituindo-o por máquinas, robôs, algoritmos. Nessa direção, desde as pequenas rotinas do cotidiano até os grandes processos de produção parecem ter atingido seu ponto mais avançado até aqui, na medida em que o modo de compreender a própria vida se mostra colonizado por ideias e ideais que colocam o enriquecimento de poucos muito acima do bem-estar de imensa parte da sociedade em todo o mundo.

Existem distintos projetos que apostam na vitória do capital, tornando possível prescindir do humano. Proliferam anti-humanismos, segundo os quais uma minoria de pessoas, integradas às dinâmicas da produção e do consumo como fins em si mesmos, são consideradas sujeitos de direitos. Todos os demais seriam então dispensáveis ou indesejáveis e condenados a uma existência sem dignidade. Para preservar o direito dos primeiros, os demais podem ser condenados ao extermínio. Essas não são ficções distópicas. Há sinais delas por toda parte, na maneira como se condenam trabalhadores a atividades precárias e sem direitos protetivos; como o lucro se sobrepõe à vida; como se condenam milhões à fome; como se distribuem desigualmente entre as nações as vacinas contra a Covid-19... Essa lista segue sem fim.

Existem também outros projetos que consideram que as tecnologias da informação e as biotecnologias provocam perturbações na ordem mundial que conduzirão ao triunfo sobre os próprios limites da natureza humana. Livres, enfim, do ser humano visto como empecilho, realiza-se a grande ambição do projeto moderno de construir uma ordem liberal, baseada no mercado e em suas regras, tratadas como verdades manifestas. Essa hipostasia das regras econômicas pretende elevar o mercado à categoria de um deus, não obstante sua precariedade e contingência patéticas.

Tais formas de anti-humanismo se concretizam como um contraditório antiliberalismo (cultural, político, econômico), expresso, por exemplo, na repressão à livre circulação de pessoas migrantes, enquanto se faz estímulo à livre circulação de mercadorias e de capitais. A lógica do mercado é insensível à situação periclitante de parte da população mundial, reduzida a um estado de sub-humanidade.

Na história, períodos de grandes mudanças carregam o vazio que resta das instituições e dos costumes que se vão, desagregados

e já carentes de consistência. São, todavia, também dotados de pregnância: a potencialidade do novo teima em surgir entre escombros. Possibilidades não são boas ou más necessariamente; são aberturas: fonte de incertezas, mas também de esperança.

É desse modo que o pontificado de Francisco insurge contra anti-humanismos e pós-humanismos, porque, em alguma medida, sob tais perspectivas acaba sendo excluído o próprio ser humano. O pontífice entende que a humanidade chegou a uma encruzilhada que impõe a revisão do caminho percorrido nos últimos séculos, responsável pela crise atual. Defende uma refundação – um ultrapassamento – do humanismo moderno sob uma perspectiva plural, superando suas vicissitudes históricas com vistas a responder mais eficazmente aos desafios próprios do século atual.

Há certamente muitos aspectos positivos e construtivos típicos desta época que não devem ser desperdiçados. As inovações não são passíveis de leitura pela chave redutora de bem e de mal. A interconectividade cria novas e prolíficas formas de sociabilidade. Relações humanas mediadas pela tecnologia ainda são relações humanas. Em nenhum período da história a humanidade alcançou possibilidade de coesão como esta que aí está. Evidentemente, o contrário disso também é verdadeiro e é preciso formar a capacidade de refletir em meio a essa ambiguidade. Tanto quanto os benefícios deste tempo, também são inegáveis as nefastas consequências de um modelo estruturalmente excludente. A possibilidade real de destruição do planeta, a condenação de milhões de pessoas à pobreza extrema, a indiferença das grandes fortunas diante da miséria humana são alguns dos sinais da exaustão do atual modelo de organização social e econômica, em franco contraste com os avanços que vêm sendo experimentados.

É em meio a esse quadro nebuloso que assoma no horizonte o pontificado de Francisco, denunciando a derrocada do modelo

presente e anunciando a constituição de um novo humanismo. O papa tem resgatado uma visão de ser humano como centro e fim das ações econômicas, nelas incluídas também as conquistas tecnológicas, mas sem perder de vista que mulheres e homens não subsistem desconectados da imensa teia da qual depende toda forma de vida. Com essa compreensão, Francisco se distancia do antropocentrismo tipicamente moderno. A própria ideia de “centro” parece esvanecer. O ser humano é o centro como toda forma de vida é centro e está no centro.

Discursos e atitudes do papa Francisco dão sinais de um novo humanismo: um projeto conceitual e político, teórico e prático, que abala as formas atuais de organização econômicas e sociais. Contra o estatuto de normalidade inexorável que os moldes socioeconômicos vigentes arrogam para si, o papa tem proposto a compreensão do momento presente como uma “mudança de época”, em vez de reduzi-la simplesmente a uma “época de crises”.

Cada um dos títulos já publicados nesta série *Cadernos Temáticos do Nesp* foi produzido com o objetivo de constituir uma oportunidade a mais de debate, aprofundamento e análise de temas contemporâneos candentes. Nessa trajetória, já se passou mais de uma década e está em suas mãos agora, prezado leitor, o décimo-primeiro título que, desta vez, traz provocações sobre essa mudança civilizatória que supomos já estar em curso.

Os capítulos que compõem esta obra são, cada um a seu modo, uma descrição aproximativa desse evento histórico, um pontificado que, possivelmente, deixará marcas importantes na doutrina social do catolicismo e que pode representar um marco nas determinações da história católica pós-conciliar. Descrevem, por assim dizer, o espírito deste tempo presente. Na **primeira parte** da obra, intitulada “**O pontificado de Francisco e a emergência de um novo humanismo**”, reúnem-se

textos que procuram caracterizar a novidade histórica que os ensinamentos de Francisco representam.

Robson Sávio Reis Souza, no capítulo “**A aurora de um novo humanismo: ideias e ações do papa Francisco**”, sustenta que um novo humanismo emerge com o pontificado do papa eleito em 2013. O cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio escolheu chamar-se Francisco em referência à mística da pobreza praticada pelo santo homônimo na Idade Média. Desde então, o papa Francisco tem atuado em múltiplas áreas, confrontando a visão dominante na própria alta cúpula hierárquica do catolicismo, numa franca defesa de ideais que promovem a vida e, por essa mesma razão, se contrapõem às práticas hegemônicas no mundo contemporâneo. Meio ambiente, ordenamentos econômicos, posicionamentos geopolíticos, educação, migração, desigualdade... A lista dos temas que se tornaram objeto da atenção de Francisco é longa. Refere-se a questões sociais, em sentido amplo, mas ao mesmo tempo também aponta para mudanças internas na Igreja. A aposta deste texto de Robson Sávio é a de que todas essas ações, no conjunto, justificam dizer que Francisco está criando um humanismo novo, atento às questões do presente século. Nesse sentido, o autor encontra as raízes do pensamento de Francisco nas decisões do Concílio Vaticano II. Simultaneamente, essa forma de humanismo para os novos tempos nasce de uma profunda revisão dos rumos que a sociedade de economia capitalista foi adotando e que ameaça condenar grande parte da humanidade à exclusão e à miséria e conduzir à destruição do planeta – a “casa comum”.

O texto de Elton Vitoriano Ribeiro, “**Habitar humanamente na esperança**”, inicia com a pergunta pela possibilidade de um humanismo nas condições da sociedade ocidental contemporânea. Em sua reflexão, constata-se já haver em andamento um projeto humanista cujos contornos vêm sendo paulatinamente